



## Sã³ o Estado pode garantir direitos dos trabalhadores

Sobre o capital, diria que, hoje, ele agrupa o trabalho nas mãiquinas, por isso ã© incontrolãível, na medida em que tem um metabolismo dinãmico e quer indivãduos inteligentes, os melhores, porque a sua lã³gica ã© sempre de reinvestir o lucro na produã§ã£o, para a obtenã§ã£o de mais lucro.

Para o capital, o trabalho ã© um valor de troca, jamais de uso. Estas sã£o algumas das liã§ã¶es, por mim anotadas, do ilustre professor, ex-secretãrio de Educaã§ã£o, em Porto Alegre, e reitor da UERGS, Jose Clovis de Azevedo, um educador compromissado com a escola cidadã, que estudou os estãgios de produã§ã£o e reproduã§ã£o do capital, em sua notãvel obra *Reconversã£o cultural da escola* (Ed. Meridional), idãcias que, tambãom, sã£o incorporadas nesta articulaã§ã£o textual.

O Banco Mundial, por exemplo, trabalha mais com polãticas dominantes do que com dinheiro. A mundializaã§ã£o do capital exerce pressã£o sobre os governos, com vistas ã flexibilizaã§ã£o das leis reguladoras das relaã¶es de trabalho. Essa mesma flexibilizaã§ã£o coloca ã disposiã§ã£o das empresas um contingente cada vez maior de forãsa de trabalho, ampliando o exãrcito da reserva. Explica-se: o capital aposta sempre no exãrcito da reserva, formado pelos desempregados, porque, agindo dessa forma, consegue frear para baixo os salãrios de mercado.

A expansã£o capitalista exerce sua aã§ã£o totalitãria sobre o conjunto da sociedade. Observa-se, ainda que a crescente desvalorizaã§ã£o da forãsa de trabalho, acompanhada da constante inovaã§ã£o tecnolãgica, permite que as empresas ampliem a apropriaã§ã£o de mais valia relativa, favorecendo a crescente concentraã§ã£o do capital pelas corporaã¶es transnacionais.

ã? preciso considerar que o Estado, por mais frãgil que seja, ã© o ãnico que pode garantir os direitos sociais e fundamentais, principalmente, dos pobres.

No mundo atual, nota-se uma crescente perda de poder dos Estados e um aumento do poder das empresas, que passam a incidir na esfera polãtica, em uma relaã§ã£o dialãtica com a concentraã§ã£o econãmica. Essas empresas se reproduzem no tecido social, influenciam e dominam, de modo totalitãrio, o cotidiano da vida dos trabalhadores. Tais empresas sã£o o principal lugar de exercãcio de poder dos capitalistas sobre os trabalhadores.

George Soros, um dos papas do capitalismo financeiro, opina que “os mercados votam todos os dias. Eles forãsam os governos a adotar medidas impopulares, mas indispensãveis. Sã£o os mercados que tãam a direã§ã£o do Estado”.

Diante desse realismo sombrio, podemos afirmar que a dominaã§ã£o polãtica não se dã mais necessariamente pela instalaã§ã£o de regimes autoritãrios, ditatoriais, mas sim pelas autoridades do mercado mundial, em virtude da democracia perder sua capacidade de distribuir a riqueza social.

Para Boaventura de Souza Santos, “o novo fascismo não é assim um regime político: é antes um regime social, um sistema de relações sociais muito desiguais que coexiste em cumplicidade com a democracia política socialmente desarmada”.

Seria bom, se pudéssemos ter como modelo o chamado Estado do Bem-Estar Social, desenvolvidos em alguns países da Europa e responsável pela implantação de políticas significativas de proteção ao cidadão, com leis sociais que garantiram aos trabalhadores um padrão de vida de qualidade singular.

Porém, segundo, ainda, o professor José Clávis de Azevedo, em *Reversão cultural da escola*, “estamos exatamente num momento em que grande parte dessas conquistas estão sendo retiradas dos trabalhadores. Em quase todo o mundo, estão ocorrendo reformas em que os trabalhadores perdem conquistas, principalmente na área do trabalho e previdência social. É um momento de regressão, em que a alta competitividade exige o uso cada vez mais intensivo de capital, face à permanente necessidade de inovação tecnológica, e de desoneração dos custos sociais para a reprodução da força de trabalho. Isso determina, hoje, a existência crescente de grande parte de trabalhadores que não têm acesso aos direitos mais elementares da cidadania”.

Já, nas Américas, tudo vira mercadoria, tudo é mercantilizado.

No Brasil, as atividades meio, às vezes, tornam-se atividades fins. Diria que, cada vez mais, crescem os serviços terceirizados, que, conseqüentemente, enfraquecem as associações sindicais, confirmando-se aquilo que Marx, em *O capital* previa: a instabilidade da vida dos trabalhadores, decorrente da diversificação de funções e sofisticação da divisão do trabalho na indústria moderna.

E assim se vai levando.

Acredito que um dia o cidadão irá perceber que não se pode viver a vida inteira de “ilusão prática”, ou seja, a sensação de que foram concedidos direitos de igualdade a todos os homens. (Azevedo, José Clávis, p. 105).